

Preâmbulo

*Beijavam-nos, diziam: tão novinho!
Suportavam-nos insultos e arremessos.
Com a mão experiente (mas não habituada)
guiavam-nos na bela, impreterível,
urgente aprendizagem,
concediam-nos crédito e carinho –
as tão castas mulheres,
as prostitutas.*

A. M. Pires Cabral

Quando me confrontei com a necessidade de dar um título a este livro lembrei-me dos sábios pensamentos de Schopenhauer (*Parerga und Paralipomena*, 1851) ao sugerir que o título de um livro deveria cumprir a mesma função que numa carta desempenha o endereço do destinatário, encaminhando os seus potenciais leitores para o conteúdo do mesmo. Pensei então que *Enredos Sexuais, Tradição e Mudança* cumpriria satisfatoriamente esse objetivo, livrando o livro do mesmo destino equívoco das cartas com o endereço do destinatário errado. Na verdade, o presente livro pode ser lido por quem, por razões diversas, se interessa pelo desconhecido mundo dos enredos sexuais. Por outro lado, também pode interessar a todos os que se interrogam sobre o que as ciências sociais têm a dizer sobre uma temática que, com algum desprezo, tem sido varrida para os recônditos lugares do desconhecido mundo das intimidades. Porém, uma vez que os valores sociais, de entre os quais os morais, modelam a sexualidade, ao mesmo tempo que se vão adaptando à forma como ela é vivida, o debate em torno da sexualidade não pode esquivar-se à problemática da mudança social. Daí que o título do livro nos convide a refletir em enredos sexuais que tanto mais se enredam quando mais as forças da tradição se enfrentam com as da mudança. Algumas «mães», muitos «zecas» e umas quantas «sedutoras de além-mar» chegam a este livro como as suas principais personagens. Na sua descrição, de cuja identidade enigmática e dilemas existenciais irei dando conta ao longo das páginas que se seguem, procurei guiar-me por um obsessivo sentido do

real, na linha do naturalismo de Zola. Não tanto pelo simples prazer da descrição como, sobretudo, pela necessidade de explorar, circunscrever e contextualizar as redes de relacionamento entre essas personagens, de entre as quais os zecas arrastarão a mais forte carga enigmática. Quem são? Adiante os conheceremos, mas sempre adiantarei que eles são a razão de uma bazófia de cunho machista, independentemente das façanhas dos referidos zecas. Esta e outras expressões nativas, que recenseei no decurso da pesquisa que dá corpo a este livro, representam muito mais do que simples palavras. Aliás, não as uso com o propósito de meramente esclarecer os seus sentidos literais, mas para ver e descrever o que elas podem representar, para além das suas concatenações imediatas.

O leitor ou a leitora deste livro cedo descobrirão que a pesquisa em que se baseia aparece fortemente ancorada a um estudo de caso, o tão propagado movimento das Mães de Bragança. O movimento irrompeu, em 2003, na cidade de Bragança (Trás-os-Montes), em defesa dos bons costumes e da moralidade. Um grupo de aguerridas mães juntou-se para expulsar as sedutoras de além-mar, brasileiras que aportaram às chamadas «casas de alterne»¹ como trabalhadoras de sexo. Uma primeira consequência do movimento das Mães de Bragança foi o empolamento mediático do conflito, galgando fronteiras nacionais, nomeadamente por efeito de uma reportagem da *Time*, em outubro de 2003. Curiosos vindos de Espanha, mas também de outros países europeus, passaram a frequentar a pequena cidade de Bragança e a desfrutar dos prazeres de alterne numa cidade tradicional que passou a estar no mapa das rotas do turismo sexual, também por efeito da sua localização geográfica e rodoviária. Uma segunda consequência foi a onda de protestos reativos em defesa das «brasileiras» ou de crítica à suposta incapacidade de as «pudicas mães» darem plena satisfação sexual aos seus maridos. De facto, quando na viragem do século, em pacatas cidades do norte de Portugal, começaram a surgir discotecas, bares e casas de alterne, promovendo o comércio sexual às descaradas, a novidade transformou-se em falatório e confrontos verbais que ecoaram por cafés, esquinas de rua e homilias. Os ânimos exaltados rodopiavam em torno de baluartes fundamentalistas de uma tradição difícil de sustentar e de uma modernidade onde todas as liberdades se poderiam alcançar. Pelo facto de uma grande parte das empregadas de alterne ter nacionalidade brasileira, gerou-se uma forte animosidade por parte das Mães de Bragança contra as brasileiras, muitas delas imigrantes em situação ilegal.

¹ Estabelecimentos noturnos onde mulheres contratadas aliciam clientes para o consumo de bebidas e, frequentemente, para encontros sexuais.

Quando eclodiu o movimento, foi enorme a minha tentação de viajar até Bragança, para ver o que se passava. Pesquisas deste tipo, movidas por uma lógica de descoberta, são as que mais me entusiasmam, não tanto aquelas em que as agências de financiamento pedem uma antecipação de resultados mesmo antes de iniciada a pesquisa, na pressuposição de que tudo o que se deve questionar é tão-só o que se pressupõe. Não resisti à tentação e lá fui para Bragança,² sem saber se aportava a um reduto do «catolicismo obscuro» que, supostamente, determinaria, inevitavelmente, o movimento retrógrado das mães, como alguns sustentavam. Para quê fazer sucessivas viagens de cerca de 400 quilómetros de Lisboa a Bragança, ida e volta, pagas do meu bolso, para comprovar a versão prática de um preconceito, sobretudo quando ganhava direito de irrefutabilidade no universo das convicções do senso comum? Alguns amigos, no entanto, avisavam-me: «Não te metas por esses terrenos, são muito escorregadios»; «não vais agradar nem a gregos nem a troianos»; ou mais ameaçadoramente: «arriskas-te a ser perseguido por mães, maridos delas, proprietários de casa de alterne, putas, polícias, bispos e até pela tua própria mulher...» Pesquisas etnográficas sobre trabalho sexual sempre levantam dilemas éticos mas raramente sobre eles se escreve.³ Não esperem que tome partido a favor das mães ou dos seus maridos. Nem que me apresse a defender a legalização da prostituição ou a sua proibição. A objetividade analítica impõe que a realidade seja analisada tal como ela é, não como deveria ser. Por essa mesma razão, não me apegarei a saberes tautológicos que apenas olham o «lado fácil» da vida de prostituta ou, no extremo oposto, o seu «lado podre». Desde cedo meti na cabeça que teria de dar testemunho de realidades que são percecionadas de modo muito diferente por parte de quem as vive. A meu favor tinha a lentidão do tempo que caracteriza as pesquisas de pendor artesanal.⁴ Com efeito, sobre o movimento

² Em Bragança, o trabalho de campo mais intensivo decorreu entre 2003 e 2008, período em que efetuei duas a três deslocações por ano, com estadias de uma a duas semanas. Posteriormente, as visitas tornaram-se mais esporádicas. Para além de Bragança, deambulei por outras regiões de Trás-os-Montes, como Mirandela, Macedo de Cavaleiros e Vinhais. Quando as rusgas policiais às casas de alterne se intensificaram, tendo muitas das trabalhadoras de alterne rumado para Espanha, realizei algumas incursões por Alcanizes, Verin e Zamora. Ver José Machado Pais, «Mães de Bragança» e feitiços: enredos luso-brasileiros em torno da sexualidade», *Revista de Ciências Sociais*, Universidade Federal do Ceará, vol. XII, n.º 2 (2010): 9-23; e José Machado Pais, «Mothers, whores and spells: Tradition and change in Portuguese sexuality», *Ethnography*, vol. XXII, n.º 4 (2011): 445-465.

³ Susan Dewey e Tiantian Zheng, *Ethical Research with Sex Workers, Anthropological Approaches* (Londres: Springer, 2013).

⁴ De José Machado Pais, «O cotidiano e a prática artesanal de pesquisa», *Revista Brasileira de Sociologia*, Sociedade Brasileira de Sociologia, vol. I, n.º 1 (2013): 107-128; e José Machado

das Mães de Bragança passou já algum tempo – o tempo necessário para ganharmos uma boa distância em relação à realidade que se pretende analisar.

Neste livro proponho um debate sobre os valores e as representações sociais que encapotam a sexualidade, uma vez que a melhor forma de a colocar a nu é mostrar como ela se veste. Essas vestimentas são artefactos retóricos que devem ser percebidos enquanto factos de construção ideológica. Assim sendo, há que os interpretar para alcançar a realidade que encobrem. A estratégia metodológica proposta aplica-se, como atrás sugeri, a um estudo de caso que aborda as convulsões sociais geradas pela presença das trabalhadoras de sexo na cidade de Bragança e no nordeste transmontano. A sua chegada redundou num confronto de moralidades e sensibilidades. Se me é permitida a imagem de um cordelista brasileiro,⁵ o suposto paraíso «virou um inferno», depois da chegada das prostitutas «o céu virou cabaré». Pela sua condição de prostitutas e imigrantes, também por seus dotes atrativos, as sedutoras de além-mar foram olhadas como um fator de perturbação da ordem. O movimento das Mães de Bragança surgiu para as expulsar da cidade, acusadas de enfeitiçarem os seus maridos com encantos, magias e um misterioso chá de amarração. Centrada na problemática da mudança social, a pesquisa que aqui se apresenta enfrenta o desafio de interpretar o movimento das mães, os estereótipos em torno destas e das imigrantes brasileiras, bem assim como alguns dilemas da masculinidade. Ou seja, tentarei desvendar os mecanismos sociais de produção e circulação dos estereótipos associados quer às trabalhadoras de sexo (tratadas por putas, brasileiras ou macumbeiras) quer às mães (apelidadas de beatas ou papa-hóstias). A oposição mães-putas permitirá ver até que ponto o estigma de umas é manipulado para consagrar o estatuto de outras.

Dado que o objeto de estudo desta pesquisa se inscreve na problemática da mudança social, surge uma inevitável pergunta. Teve a revolução dos cravos efeitos marcantes no surgimento de novos valores e comportamentos na sexualidade dos portugueses? A minha resposta é afirmativa, embora não sujeita a qualquer causalidade determinística. Quando o novo surge, o velho nem sempre se eclipsa, irremediavelmente suplantado pelo novo. Frequentemente o velho acaba por coexistir com o novo, num composto híbrido. É este embate entre tradição e mudança que se

Pais «As tramas da criatividade na produção artesanal da sociologia», em *Imaterial e Construção dos Saberes*, org. Leila Maria da Silva Blass (São Paulo: EDUC, 2014), 45-66.

⁵José Francisco Borges, *A Chegada da Prostituta no Céu* (s. l.: s. ed., s. d.).

questiona ao longo deste livro. Na verdade, com a revolução de Abril de 1974 deu-se uma clara liberalização dos costumes, gerando-se uma abertura às novidades e à experimentação. Com cenas consideradas ousadas, a emissão da telenovela brasileira «Gabriela, Cravo e Canela», baseada no romance de Jorge Amado, quase paralisou o país, chegando a suspender sessões do Parlamento.⁶ Na taberna de uma aldeia do norte de Portugal não me foge da memória a reação de um velhote, sorridente e cuspidando para o chão, a tecer críticas ao beijo boca a boca de uma cena da telenovela. Poucos dias depois, no mesmo café, ufanava-se de ter ensaiado o experimento, ainda que para tanto tivesse de vencer a resistência de sua mulher. Uma nova sensibilidade erótica começou a despontar. As telenovelas brasileiras levavam tentações a aldeias que viviam uma sexualidade recatada, como se um vendaval abanasse os apudorados costumes tradicionais.⁷ Não é certo que antes da revolução do 25 de Abril a sexualidade estivesse confinada a funções meramente reprodutivas. Porém, com o florescimento simbólico dos cravos floresceram novos quadros mentais e novos imaginários sociais. O próprio país começou a ser percebido em função da sua inscrição numa temporalidade histórica em mudança, como se vivesse numa encruzilhada de múltiplos tempos sociais, uns enraizados no passado, outros projetados no futuro. Como sabemos, é de Georges Gurvitch⁸ a conceção da multiplicidade dos tempos. Ela é sociologicamente relevante porque nos permite perceber que a realidade objetiva de qualquer revolução é interface de realidades subjetivas. Aliás, a memória histórica é impensável se não se levam em conta as experiências pessoais.⁹ A conceção da multiplicidade dos tempos sociais, na aceção gurvitchiana, torna possível a síntese dialética entre diferentes mundos, ora como objetos de ideação, ora como experiências de vida.

Entre 1926 e 1974 Portugal viveu numa ditadura conservadora que impunha uma forte moral de contenção sobre a sexualidade. A tradição opunha-se à modernidade. Salazar, o carismático líder do governo, batia-se contra todos os estrangeirismos que perturbassem a cultura de «bons

⁶ Isabel Ferin da Cunha, «A revolução da Gabriela: o ano de 1977 em Portugal», *Cadernos PAGU*, 20 (2003): 39-73.

⁷ Aliás esse mesmo rebuliço aconteceu no Brasil, como o sugere a poesia repentista de um cordelista: «Antes da televisão/ Não existia pecado/ Depois que ela chegou/ Foi dando tudo errado/ Mulher mostrando a bunda/ Nos braços do namorado», Davi Teixeira, *A Bunda Vendedora* (Recife: Edição do Autor, 2005).

⁸ Georges Gurvitch, *La Multiplicité des Temps Sociaux*. 2 vols. (Paris: PUF, 1961).

⁹ Michael Kenny, «A place for memory: the interface between individual and collective history», *Comparative Studies in Society and History*, vol. XLI, n.º 3 (1999): 420-437.

costumes». Nem a *Coca-Cola* escapou quando tentou penetrar no mercado português. Apesar da publicidade tentadora de Fernando Pessoa – «primeiro estranha-se, depois entranha-se» – Salazar, em carta dirigida ao responsável da multinacional na Europa, prevenia: «Sempre me opus à sua aparição no mercado português [...]. Portugal é um país conservador, paternalista e – Deus seja louvado – “atrasado”, termo que eu considero mais lisonjeiro do que pejorativo.»¹⁰ A família era uma das mais importantes bandeiras de doutrinação ideológica do regime. No domínio da sexualidade sobressaía a função sexual reprodutora da mulher de quem se esperava que fosse uma esposa carinhosa e submissa, além de mãe sacrificada e virtuosa. Os gestos do quotidiano estavam permanentemente sujeitos a um escrutínio moral.¹¹ Os bailes eram desaconselhados por, supostamente, conduzirem as jovens à esterilidade e perverterem o instinto de maternidade, além de outros efeitos colaterais indesejáveis como «insónias», «delíquios», «perturbações circulatórias», «fenómenos de autointoxicação», «neuroses espasmódicas», «anomalias de memória e linguagem», etc.¹² Manifestações de afeto amoroso em espaços públicos – como beijos ou mãos entrelaçadas – eram alvo de repressão policial por atentarem contra os «bons costumes».¹³

Os ventos de mudança sopraram mesmo antes da revolução de abril. E não só nas baladas de protesto da chamada música revolucionária ou de intervenção, onde a palavra se assumia, declaradamente, como uma arma. O exemplo da música é sugestivo porque também através dela se veiculam valores, éticas de vida, representações sociais. Se fizermos um breve recorrido pelas letras das canções ganhadoras do festival da canção portuguesa para a Eurovisão, nelas encontramos os três critérios, propostos por Moscovici,¹⁴ para a definição de uma representação social: o critério quantitativo, que permite dar conta da extensão de uma representação social numa dada coletividade; o critério da produção, segundo o qual a representação social se pode considerar expressão de um coletivo social; e o critério funcional, que permite avaliar o contributo da representação num dado processo de socialização. Todos estes critérios são

¹⁰ Maria Filomena Mónica, «A evolução dos costumes em Portugal, 1960-1995», em *A Situação Social em Portugal, 1960-1995*, org. António Barreto (Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 1996), 221.

¹¹ *Idem...*, 119-121.

¹² A. G. Molho de Faria, *Os Bailes e a Acção Católica* (Braga: s. ed., 1938), 106.

¹³ Luís Vicente Baptista, «Os discursos moralizadores sobre a família», in *Portugal Contemporâneo*, vol. IV, ed. António Reis (Lisboa: Publicações Alfa, 1990), 359.

¹⁴ Serge Moscovici, *La psychanalyse, son image et son public* (Paris: PUF, 1961).

verificados, ao analisarmos os valores veiculados pelas letras das canções, mesmo segundo o critério mais discutível, que é o quantitativo. Com efeito, as canções festivaieiras são, por natureza, bastante reproduzidas e cantaroladas. Aliás, eram objeto de uma votação à escala nacional, com representação distrital.

Em 1964, quando surgiu a primeira edição do festival, a canção ganhadora, interpretada por António Calvário, é uma «Oração», onde o amor aparece associado ao pecado. O pecador confessa que abandonou o seu amor e por isso pede perdão, rogando: «Senhor, a teus pés eu confesso; Senhor, meu amor maltratei; Senhor, se perdão aqui peço não me-reço; Senhor, meu amor desprezei e pequei.» No ano seguinte o «Sol de Inverno», cantado por Simone, de novo retrata o drama da mulher abandonada: «Vivo de saudades, amor; a vida perdeu fulgor; como o sol de Inverno, não tenho calor.» Em 1966, Madalena Iglésias apresenta-nos uma história de amor («Ele e Ela»), em que, surpreendentemente, o sofrimento já não está no lado dela mas no dele. Ele «Só pensa nela a toda a hora, sonha com ela pela noite fora, chora por ela se ela não vem; só fala dela a cada momento, vive com ela no pensamento, ele sem ela não é ninguém.» Mas quem é ele? Ela o diz: «Ele é bom rapaz, um pouco tímido até [...]. Ela apareceu e a beleza dela desde logo o prendeu.» Ou seja, os dotes de sedução da mulher passam a ser reconhecidos, como reconhecida passa a ser a sua função de comando na sedução. São inquestionáveis os ventos de mudança. E que coincidência, em 1967 ganhou «O Vento Mudou». O drama da mulher abandonada dá lugar ao do homem abandonado: «Oiçam, oiçam, o vento mudou e ela não voltou [...]. Ela quis viver e o mundo correr, prometeu voltar se o vento mudar; e o vento mudou e ela não voltou.» Em 1968, com «Verão», chega-nos uma nova desilusão de amor mas agora vivida sem drama, naturalmente, «como tudo que acaba, como pedra rolando numa fraga, como fumo subindo no ar». Carlos Mendes, o intérprete, desdramatiza: «Foi um sonho que findou, não interessa mais pensar». Se listo estas canções festivaieiras é porque, socialmente, não interessa apenas o contexto desta produção musical mas também o processo e, sobretudo, a relevância social do processo. A mudança. A emergência de novos valores.

Em 1969, de novo Simone, agora com «Desfolhada», reivindicando uma sexualidade virada para o prazer e não apenas para a reprodução: há «corpo de linho, lábios de mosto», há «fogo posto» e, sobretudo, há a mensagem de que «quem faz um filho fá-lo por gosto». Ou seja, o direito ao prazer é reivindicado, facilitado pela divulgação de métodos contraceptivos. Como vemos, o campo musical é um domínio da construção do

género, mas também da sexualização do desejo.¹⁵ Por isso mesmo, somos socializados pela música. Na canção ganhadora em 1970 canta-se «Onde vais rio que eu canto». São fluxos de mudança que se continuam a questionar: «Nova luz já te alumia, lá no cais p'ra onde vais...». Em 1971 surge uma «Menina de olhar sereno, raiando pela manhã, de seio duro e pequeno num coletinho de lã.» E em 1972, os fluxos da mudança culminam numa liberdade desejada e pressagiada. É «A Festa da Vida», orgiástica, com apelos ao excesso: «Que tragam todos os festejos e não se esqueçam de beijos, que tragam prendas de alegria e a festa dure até ser dia [...]. Que tragam cobertores ou mantas, que o vinho escorra pelas gargantas e a festa dure até às tantas.» A tese de Marcuse, enunciada em *Eros e Civilização*,¹⁶ comprovava-se. A luta por Eros é uma luta política. As mudanças que se produzem na sociedade são anunciadas pela música. Em 1973, «A Tourada», de Fernando Tordo, é um prenúncio, impaciente, de revolução: «Toureamos ombro a ombro as feras, ninguém nos leva ao engano. Toureamos mano a mano. Só nos podem causar dano esperas. Com bandarilhas de esperança afugentamos a fera. Estamos na praça da Primavera.» E a primavera chegaria, enfim, na madrugada do 25 de Abril de 1974, tendo como senha da revolução a conhecida canção «E depois do Adeus», interpretada por Paulo de Carvalho. Suponho que não serão poucos os portugueses que, tendo assistido a estes festivais televisivos, terão ainda no ouvido as letras destas cançonetas, o que, a verificar-se, comprova a força da música como geradora de representações sociais e como, através destas, podemos compreender importantes dimensões da sociedade. Por exemplo, as suas estruturas sexistas. Produtora de representações simbólicas, a música tem uma natureza epistémica, ou seja, é fonte de conhecimento, do mesmo modo que é uma produção social. A sua relevância sociológica não depende da música em si, mas de sua significação e de seus efeitos sociais.¹⁷ E porque assim é, adiante voltaremos a este filão de exploração que nos é dado pela análise de conteúdo das letras da chamada música pimba, cujos títulos, aliás, são autênticos lamirés temáticos de uma sexualidade desbragada porque reprimida («Ó Maria dá-me o bife»; «Queres ou não queres, Maria?»; «Mexo o Tutu»; «Mole não Entra»; etc.).

¹⁵ Susan McClary, *Feminine Endings: Music, Gender, and Sexuality* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1991).

¹⁶ Herbert Marcuse, *Eros and Civilization* (Londres: Routledge, 1987).

¹⁷ Dan Sperber, e Deirdre Wilson, *Relevance. Communication and Cognition* (Oxford: Basil Blackwell, 1986).

Que repercussões sociais teve o movimento das Mães de Bragança? É um olhar sobre as estruturas sociais que se reclama. Um olhar munido de lentes progressivas para nos darmos conta dos entrelaçamentos do conjuntural com o estrutural, num arco temporal que nos permita perceber o encadeamento dos factos, na sua lógica e no seu sentido. Além de o movimento ter saltado para as páginas dos jornais, que consequências sociais dele derivaram, em termos reais? Para o efeito, tomei o quotidiano como sonda de pesquisa de alguns meandros sócio-históricos da região nordestina, Trás-os-Montes, berço do movimento. Em Bragança, o trabalho de campo mais intensivo decorreu nos anos de 2003 a 2008, durante os quais efetuei várias deslocações com pequenas estadias de uma a duas semanas. Em algumas dessas incursões contei com a colaboração de colegas e amigos, de entre os quais destaco Ismael Pordéus e Roselane Bezerra, da Universidade Federal do Ceará. Se, na verdade, somos as viagens que fazemos, este livro foi também feito dessas incursões etnográficas. Da imprensa regional recebi uma boa colaboração. Agradeço terem-me facultado o acesso às suas instalações, permitindo-me fazer as consultas que desejava. Assim aconteceu com *A Voz do Nordeste*, *O Informativo*, o *Mensageiro de Bragança* e o *Jornal Nordeste*. Além da consulta de fontes documentais, principalmente da imprensa escrita que reportou amplamente o conflito, avancei com uma estratégia etnográfica.¹⁸ Estar no campo permitiu-me uma experiência singular de ressocialização em bares, casas de alterne e «cafés de subir».¹⁹ Como bem sustenta José de Souza Martins,²⁰ a pesquisa empírica não depende tanto das perguntas que se fazem e das respostas que se registam mas, sobretudo, da capacidade de nos deixarmos ressocializar, parcialmente, pelas sociedades que observamos. Desse modo podemos ter acesso aos mapas de significação e de interpretação dos grupos estudados. Deixei-me assim capturar pela lógica dos outros que ia observando, chave de decifração do que ia observando sem compreender. Aquele que pensei poder constituir o maior obstáculo à concretização desta pesquisa – o que não veio a acontecer – foi convencer a minha companheira a dar-me luz verde

¹⁸ Aliás, desta pesquisa resultaram dois artigos publicados em revistas etnográficas: José Machado Pais, «Mothers, whores...», e José Machado Pais, «Das nomeações às representações: os palavrões numa interpretação inspirada por H. Lefebvre», *Etnográfica*, vol. XIX, n.º 2 (2015): 267-289.

¹⁹ Estabelecimentos de dois pisos, onde no térreo funcionam cafés, nalguns casos com semelhanças a tascas, e no superior se alugam quartos, frequentemente à hora.

²⁰ José de Souza Martins, *Uma Sociologia da Vida Cotidiana* (São Paulo: Editora Contexto, 2014), 74.

para frequentar os bordéis de Bragança, com o propósito de entrevistar as trabalhadoras de alterne. Intimamente temia que lhe chegassem às mãos alguns livros de metodologia que guardo em minha biblioteca de casa, sustentando que qualquer entrevista no domínio da sexualidade, mesmo de cunho científico, é, em si mesma, uma forma de interação sexual.²¹ Também entrevistei mães do movimento, alguns maridos (frequentadores ou não dos bordéis), polícias, padres, bem como comerciantes (de cafés, cabeleireiros, restaurantes, etc.), potenciais beneficiários indiretos do negócio sexual. Em relação às trabalhadoras de sexo interessou-me, sobretudo, desvendar as suas histórias de vida, sem descurar suas vivências afetivas, suas ilusões mas também desilusões, seus medos de ilegalidade, o desenraizamento, a afirmação ou a negação de identidade. Em todas as entrevistas valorizei a reconstrução da categoria de experiência de vida e o refluxo das percepções que dela resultam nos comportamentos e nas atitudes. Como é próprio das pesquisas etnográficas estive permanentemente aberto a hipóteses de investigação que resultassem de descobertas de terreno e de impulsos analíticos originados por achados que são próprios da chamada *grounded theory*.²²

Em outubro de 2005, na Escola Secundária Miguel Torga, tive um vivo debate com os alunos da turma do 11.º C. Agradeço ao Prof. Alberto Fernandes e à Prof.^a Berta Alves o apoio que me deram para que o encontro se concretizasse. Os alunos mostraram-se muito participativos tendo revelado uma grande maturidade e naturalidade na forma como abordaram as questões em discussão. O Comando da PSP de Bragança recebeu-me com apreciável cortesia. Agradeço também a simpatia revelada pelo Subintendente Amândio Coreia e pela Comissária Ana Maria. Agradecimentos são também devidos ao Dr. Mário Torrão, diretor do Estabelecimento Prisional Regional de Bragança, e ao Sr. Alexandre Castro, da Biblioteca do Município de Bragança. E claro, é enorme a minha gratidão às mães, comerciantes, taxistas, polícias, sacerdotes e pastores religiosos, trabalhadoras de sexo, clientes e proprietários de casas de alterne pela sua disponibilidade em serem entrevistados. Sem esquecer os videntes e as bruxas a quem recorri, como algumas mães o fizeram, em busca de feitiços, chás de amarração, catimbós, muambas e canjerês. À minha companheira, Terê de Ipacaraí, mãe de meus filhos, agradeço a sua compreensão ao ter-me dado luz verde para frequentar as casas de

²¹ Georges Devereux, *De l'angoisse à la méthode dans le comportement* (Paris: Flammarion, 1980), 160.

²² Barney Glaser, e Anselm Strauss, *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research* (Chicago: Aldine Transaction, 1999).

luzes vermelhas, ela que sabe que nenhuma moça de alterne seria capaz de me desviar da verdadeira paixão que tenho pela pesquisa. Dada a minha timidez, ainda hoje recordo as minhas fugidias passagens por essas casas luminosas, como um fingido distraído, captando pelo canto do olho o que o olhar parecia querer evitar. Minha gratidão estende-se, enfim, a todos quantos, de uma forma ou de outra, me apoiaram e incentivaram na produção deste livro: César Barreira, Irllys Barreira, Isabel Barbosa, Isabel Freire, José Rolo, Manuel Villaverde Cabral, Maria do Carmo Serén, Maria da Penha Vasconcelos, Paula Godinho, Tatiana Ferreira e Vânia Reis, além de Roselane Bezerra e Ismael Pordéus. Queria finalmente sublinhar quanto acolhedora é a cidade de Bragança. Ela merece ser visitada, pela sua gastronomia, pelo seu riquíssimo património histórico e paisagístico, pela enorme simpatia das gentes transmontanas. Se por lá continuam a circular prostitutas? Certamente. Onde as não há?

Que acercamentos metodológicos legitimam a abordagem sociológica de um fenómeno que enreda sexualidades conjugais e extraconjugais, masculinidades e feminilidades, conflitos de género e de *status*? Se, como se diz, entre marido e mulher ninguém deve meter a colher, quais os alcances e as limitações desta arrojada incursão pelo terreno dos afetos e das traições conjugais? E que razões metodológicas justificarão a exploração da sexualidade dos portugueses, centrando o olhar nos antros da prostituição? Adianto, desde já, uma razão. Através de um olhar de margem podemos mais justamente ultrapassar os etnocentrismos que nos cegam. Da margem vemos melhor as anomalias que nos permitem perceber as normas sociais. Por a margem ser um terreno de contradições, é mais fácil perceber que razões evidentes escondem as razões latentes dessas contradições. E mais facilmente se percebe como um suposto consenso social pode ser francamente sobrelevado pela falta dele. E muito mais realisticamente nos damos conta de como a realidade é muito mais ancha do que a contemplada por teorias normalizadoras que, de tanto focarem o seu interesse na normalidade do real, acabam por o deixar escapar, contribuindo para o normalizar. Tudo isto para dizer que a prostituição diz-nos muito sobre a sociedade de que faz parte, ao espelhar os valores e as contradições que se vivem, e avivam, em torno da sexualidade.

Como num jogo de xadrez, são múltiplas as variantes de abertura que dão início a um processo de investigação. Nas abordagens de pendor mais positivista o desenho de pesquisa encontra-se submetido a uma sucessão de fases seriadas e pré-determinadas. O ponto de partida, em regra um quadro teórico que apenas capta realidades que nele se enquadrem, prefigura o ponto de chegada. A variante de abertura define toda a se-

quência do processo de investigação, estipulando uma linearidade programada entre uma fase inicial de pesquisa (estabelecimento de premissas) e uma fase derradeira (dedução de conclusões). Em vez disso, preferi ir para o campo como um artesão que se move por amor ao ofício,²³ fugindo desse modo ao estereótipo que por vezes recai sobre alguns cientistas sociais que pesquisam o fenómeno da prostituição: o de gastarem uma pipa de dinheiro para, com modelos artificiosos, descobrirem o que qualquer motorista de táxi lhes poderia dizer.²⁴ Na presente investigação a lógica demonstrativa foi sobrelevada por uma lógica de descoberta,²⁵ a qual, ao permitir-me mergulhar na estranheza de um mundo desconhecido, me fez um *outsider within*,²⁶ possibilitando-me descobertas etnográficas inesperadas.

O diário de campo e o gravador de bolso sempre me acompanharam nas minhas deambulações etnográficas.²⁷ Então, continuando a usar a metáfora do jogo de xadrez, avancei para o trabalho de campo como um peão capaz de se deixar surpreender com os lances do próprio labor etnográfico, movido por uma curiosidade espontânea. No trabalho de campo, desenvolvido mais intensivamente entre 2003 e 2008, deambulei por bordéis e cafés de subir, tendo recorrido a outros registos de observação, como atrás referi: fontes documentais, à cabeça das quais a imprensa escrita que reportou amplamente o conflito; e informações obtidas através de conversas informais com mães traídas, maridos traidores, trabalhadoras de sexo, comerciantes, bruxas, e outras forças vivas e auto-ridades da cidade de Bragança. Pequenos extratos de entrevistas realizadas, de opiniões expressas em blogues ou em artigos de imprensa aparecerão recorrentemente ao longo deste livro, não com o propósito de corroborar teorias pré-concebidas ou hipóteses de investigação a serem à força demonstradas mas, simplesmente, para que os leitores se possam dar conta de testemunhos importantes, na análise dos *ethos* sociais, de

²³ José Machado Pais, «O cotidiano e a prática artesanal...», 107-128; José Machado Pais, «As tramas da criatividade...», 45-66.

²⁴ Harvey Molotch, «Going Out», *Sociological Forum*, 9 (1994): 229-239.

²⁵ José Machado Pais, *Sociologia da Vida Quotidiana. Teorias, Métodos e Estudos de Caso* (Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2015 [ed. or. 2005]).

²⁶ Patricia Collins, «Learning from outsider within: the sociological significance of black feminist thought», *Social Problems*, vol. XXXIII, n.º 6 (1986): S14-S32.

²⁷ Sobre a metodologia das deambulações ver José Machado Pais, *Nos Rastos da Solidão. Deambulações Sociológicas* (Porto: Âmbar: 2006) e José Machado Pais, «Deambulações cotidianas: a emergência de um método na observação dos sem-teto», *Estudos de Sociologia*, vol. 1, n.º 21 (2015): 35-72.

quem viveu ou reportou os acontecimentos em análise.²⁸ As entrevistas e, sobretudo, as conversas informais surgidas no âmbito de encontros fortuitos, permitiram-me uma aproximação naturalística à circulação conflituosa de diferentes representações sociais sobre os enredos sexuais, num contexto de tensão entre tradição e mudança. A este propósito e sempre que se justifique, invocarei o passado como estratégia de interpretação do presente. Esta a razão pela qual valorizarei antigos ritos sociais que muito nos dizem sobre o funcionamento das comunidades transmontanhas. É o que se verá na análise do rito do «pagamento da cabrita» ou do rito da «festa dos rapazes», protagonizada pelos caretos. Através da análise destes e de outros ritos, ensaiarei uma aproximação antropológica às formas imagéticas de que se reveste o tecido social, formado por todos aqueles que participam nesses rituais, permanentemente reinventados. Por fim, explorarei imaginários sociais em torno da «brasileira» e do «macho lusitano», sem descurar os seus contextos históricos. Veremos que esses imaginários, filtrando a realidade, acabam também por a ficcionar, tornando-a real em sua ficção. Tanto a mentalidade colonizada quanto a colonizadora prevalecem muito mais tempo do que a do colonialismo institucionalizado. Neste sentido, embora partindo de um estudo de caso, o movimento das Mães de Bragança, viajaremos no tempo e no espaço do universo íntimo de dois povos (de Portugal e do Brasil) com uma história partilhada, também no campo da sexualidade. Na medida em que a lógica de investigação adotada se abriu deliberadamente às descobertas de terreno, os questionamentos foram contínuos. As hipóteses de investigação, bem como as reflexões teóricas, acabaram por dialogar, entrecruzadamente, com legados históricos e sucessivas descobertas de terreno. Esta é a razão que justifica a remissão de uma boa parte da discussão teórica dos achados desta pesquisa para a parte final do livro, na qual também se faz um balanço do percurso metodológico da pesquisa realizada. As explicações teóricas exigiram esforços prévios de descrição, análise e interpretação dos achados etnográficos, historicamente contextualizados.

²⁸ Para não sobrecarregar o livro com uma catadupa de notas de rodapé, esses extratos de informação aparecerão entre aspas, salvo algumas exceções.